

Ademir Pascale – Organizador

PETS

CONTOS E POEMAS

**SOBRE ANIMAIS
DE ESTIMAÇÃO**

VOL. II



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-12662-3

2024

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- ARARA NO POMAR, POR ARTHUR DOS REIS DE MELO, PÁG. 05
VOEJAI, POR CASSIO FIGUEIRA, PÁG. 07
DOLLY, POR DOCKE LIMA, PÁG. 11
CADELINHA AMADA, POR FIA OLIVIER, PÁG. 17
A TUA LEI DOS HOMENS, POR FLAVIO JOSSERT, PÁG. 20
GAIATAS, POR JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA, PÁG. 23
TIMMY, O CHINCHILA EXPLORADOR, POR KAMILA GODOY, PÁG. 25
UM DUQUE EM NOSSAS VIDAS, POR MARÍLIA FERREIRA EMMI, PÁG. 31
AMOR INFINITO, POR MARLENE KRUPA DO ROSÁRIO, PÁG. 34
ELLÓRAH, POR ORNELIA GOECKING OTONI, PÁG. 37
GUGU, POR REGIANE SILVA, PÁG. 39
LENG LENG E KEI KEI, POR SELMA LUANNY, PÁG. 42
KEI KEI E A "AVOADA" LENG LENG, POR SELMA LUANNY, PÁG. 45
LENG LENG E O BICHINHO DE PELÚCIA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 47
OS SENIORES DA ANIMA, POR SELMA LUANNY, PÁG. 50
MINHA AMIGA CHARLOTE, POR SILVANE SILVEIRA FERNANDES, PÁG. 53
PRECIOSO, O GATINHO AMARELO, POR SILVANE SILVEIRA FERNANDES, PÁG. 58
ALENTO, POR SILVANE SILVEIRA FERNANDES, PÁG. 63
LUTO, POR VALDIR FILGUEIRAS PESSOA, PÁG. 65
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 67

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

Ademir Pascale – Organizador

PETS

CONTOS E POEMAS

**SOBRE ANIMAIS
DE ESTIMAÇÃO**

VOL. II





APRESENTAMOS O POEMA

ARARA NO POMAR

POR ARTHUR DOS REIS DE MELO

ESTUDANTE DE LETRAS - PORTUGUÊS/ALEMÃO DÁ UERJ DESDE 2015, JÁ DEU AULA DE ALEMÃO PARA TURMAS DA TERCEIRA IDADE E TRADUZIU NOTÍCIAS PARA O ESCRITÓRIO DE TRADUÇÃO DA UERJ.



S	A	R	A	R	A	R	A	S
A	R	A	R	A	R	A	R	A
R	A	R	O	M	O	R	A	R
A	R	O	D	O	D	O	R	A
R	A	M	O	P	O	M	A	R
A	R	O	D	O	D	O	R	A
R	A	R	O	M	O	R	A	R
A	R	A	R	A	R	A	R	A
S	A	R	A	R	A	R	A	S



APRESENTAMOS O CONTO

VOEJAI

POR CASSIO FIGUEIRA

CASSIO FIGUEIRA JÁ VIVEU MAIS DE CINQUENTA, GOSTA DE COZINHAR, PINTAR AQUARELAS, OUVIR ROCK E LER. ACREDITA NO AMOR UNIVERSAL E NA ARTE COMO BASE DA VIDA E SÓ SE RECONHECE INTEIRO QUANDO ESCREVE. É PROFESSOR DA UFSCAR-SOROCABA, ESCRITOR E POETA AUTOR DE QUATRO LIVROS: A BORDO DO MUNDO, PORTA ABERTA, PARANGOLEPSC: POESIA PARA CRIANÇAS E ÓCULOS DE LER O MUNDO. ADORA QUANDO É VISITADO EM: @POESIA_DA_VEZ



Seis da manhã. Ele se levantou e lavou o rosto. Não escovou os dentes. Deixou a cafeteira ligada e chamou o cachorro. Entraram no carro felizes. Foram para a praça passear. Será que seriam sorteados naquele dia?

Ele amava sair bem cedo e sentir o ar frio da manhã. Era uma de suas sensações favoritas. Dizia que o frescor batendo na pele o fazia sentir vivo dentro do corpo. Sei lá. Conectado com a alma do mundo.

Seu cachorro era um buldogue francês. Lindo. Robusto. Teimoso. Amoroso. Pelo preto levemente rajado. E uma grande mancha branca que ia do peito à garganta. Tinha nome de galã de novela: Theo.

Dormia o dia inteiro o danado. Só acordava para passear e comer sua ração. Não fazia mais nada. Mas era todo musculoso. Essa graça inexplicável era justamente sua maior inveja. Queria também ele ter esse poder. Não fazer nada e estar sempre em forma? Quem não quer?

Theo também amava os passeios na praça logo cedo. Sua preferência por esse horário era visível. Seria a sensação do frescor do ar batendo em seu pelo? Um sentimento de igualmente conectar-se ao mundo? Jamais saberemos. As percepções e filosofias sobre esse momento guardavam-se leais à sua introspecção canina.

O danado chegava e andava por tudo. Sem pressa. Por vezes gastava de três a cinco minutos cheirando exatamente o mesmo matinho. Por vezes subia num banco e ficava ali deitado de dez a doze minutos só olhando em volta. Silencioso. Pensativo. Mas ele não ligava. Dizia que era preciso respeitar as idiossincrasias alheias. É como se diz por aí: cada louco com sua mania. Theo tinha direito às suas.

De repente dois cães de rua apareceram correndo. Um grande e um médio. Ele ficou apreensivo com a possibilidade de serem agressivos. Theo não era afeito às brigas. Não tinha aptidão nenhuma para morder. Nem mesmo quando o caso era de se defender. Até dos gatos da rua ele queria ser amigo. Chegava a dar nos nervos tanta simpatia.

Ele relaxou. Os cães apenas os olharam de longe e mantiveram distância. Só queriam passear um pouco por ali também. E Theo? Sequer os viu. Ficou ali cheirando seu matinho.

Essa praça era especial pois vez ou outra dois papagaios também apareciam por ali. Esse encontro era uma alegria. A maior expectativa de cada passeio. Ele adorava ficar

ouvindo aquela conversa rouca. Às vezes eles eram monossilábicos. Às vezes disparavam frases inteiras.

Ele dizia que eram aves de cativeiro que fugiram e agora viviam suas vidas livres pela cidade. Gostava de pensar assim pelo menos. Já fazia uns cinco ou seis anos que esse encontro fortuito dos quatro acontecia. Uma loteria feliz de todas as manhãs.

Toda aquela liberdade e independência era um encanto. Os papagaios nem sonhavam mas com o tempo se tornaram uma referência. Uma espécie de heróis para ele. Ou seriam heroínas? Talvez um herói e uma heroína? Não importa. O fato é que se tornaram as criaturas que ele mais admirava e amava naquela cidade. Além do Theo. Óbvio.

Ele queria muito entender o que eles falavam. Será que conversavam sobre as frutas e coquinhos da praça? Será que paravam ali para planejar o dia que se iniciava? Do que conversam os papagaios afinal?

Às vezes eles ficavam olhando marotos para eles lá do último galho da árvore. Será que falavam dele e do Theo? Sei lá. Só sei que ele dizia que poderia ficar ouvindo aquela conversa rouca e enigmática por horas. E Theo? Esse não. Esse nem ligava para a presença deles ali. Não interrompia seu prazer por nada. Cheirando seu inebriante matinho.

A dupla verde falante normalmente não ficava muito tempo. Só uns dez minutinhos mesmo. Chegavam gritando. Comiam um coquinho aqui. Pousavam num galho ali. Trocavam umas ideias e tchau. Levantavam voo gritando novamente e seguiam seu caminho. De onde eles vinham? Para onde eles iam depois? Onde será que dormiam no final do dia? Isso até eu fiquei com vontade de saber.

Uma vez ele resolveu mudar o local do passeio só para variar um pouco. Parou em um terreno de esquina perto da pracinha. Estavam lá os dois divagando na maior paz quando do nada o dia explodiu. Uma pancada forte e seca no topo da cabeça. Logo depois um grito de escárnio e intimidação de congelar a espinha. Era uma coruja buraqueira. Ele passou a mão na cabeça e a palma saiu levemente tingida de vermelho. A filha da mãe o havia acertado direitinho.

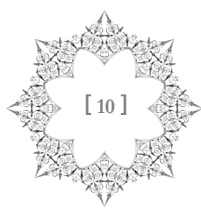
Corujas são aves fantásticas. Ele dizia. Animais realmente admiráveis. Suas penas possuem estruturas diferenciadas que permitem um voo completamente silencioso. Tinha lido isso num livro. Agora tinha experimentado essa eficiência na prática.

Mas e Theo diante desse ataque explícito? Nada. Nem percebeu. E se percebeu não deu a mínima. Mesmo na hora do grito fantasmagórico. Continuou inabalável a cheirar seu matinho. A isso chamam atenção plena. Uma habilidade para poucos. Mais um poder invejável do peludo.

Eles nunca mais foram passear naquele lugar. Mas agora o terreno havia se tornado um ponto de passagem obrigatório rumo à praça. Às vezes ele até encostava uns segundos para procurar a corujinha. Sem deixar a segurança do carro. Óbvio. E quando a encontrava xingava sorrindo: *maledeta*.

A agressora silenciosa nem sonhava mas havia se tornado um tipo de amiga para ele. Ou seria amigo? Não importa. O fato é que agora ele sempre passava por ali e amava ver que estava tudo bem com ela. Pelo menos era o que ele dizia.

Será que a coruja e os papagaios se conheciam?





APRESENTAMOS O CONTO

DOLLY

POR DOCKE LIMA

DOCKE LIMA É NASCIDA EM SÃO PAULO - SP, NO ANO DE 1993. ESCREVE DESDE OS 11 ANOS DE IDADE COMO FORMA DE EXPRESSÃO DOS SEUS SENTIMENTOS E EMOÇÕES.

ALÉM DA ESCRITA, ELA ADORA LER, AMA OUVIR MÚSICAS E JOGAR JOGOS QUE ESTIMULEM O RACIOCÍNIO.

A POESIA E A LITERATURA EM GERAL, CONSTITUI-SE PARA ELA EM UM HOBBIE CULTIVADO E COMPARTILHADO EM SEU SITE POESIA.NET.



Marcos era um homem de meia idade, alisava sua barba por fazer, vestia uma calça jeans e camiseta azul surradas, estava pensando justamente sobre isso, precisava conseguir novas roupas.

Amargava uma vida nas ruas havia dois anos, tinha família e residência para a qual envergonhava-se de voltar, suas fraquezas culminaram em dependência de álcool fazendo que certo dia, alterado pela bebida, discutisse com a mulher, surrou-a em frente aos filhos.

Assim que tomou consciência de si e do ato que praticou, ele sentiu vergonha e saiu de casa. Já estava sem emprego há nove meses, não teve coragem de tirar a parca quantia que tinha em casa, da família, aquele dia passou a noite na rua e mais noites se seguiram assim.

Com dois meses vivendo em situação de rua, o homem que amava Jazz e leitura, ficou para traz. Agora, Marcos já estava acostumado a revirar o lixo em busca de material reciclável, era assim que subsistia e sustentava o vício.

Certa manhã avistou ao longe uma caixa de papelão, cheia de tiras do mesmo material por cima, aquilo lhe renderia uma quantia, mesmo que pouco, não hesitava em guardar o que encontrasse pela frente.

Qual não foi a surpresa de Marcos quando retirou as tiras de papelão e encontrou um serzinho inocente todo encolhido e assustado, pegou-o em seus braços e rapidamente a criatura dócil se aninhou. Ele examinou o sexo, era uma cachorrinha!

Começou a brincar com ela, que logo se soltou, abanando o rabinho, parecia não estar ali há muito tempo, graças a Deus ele a encontrou rápido.

— Precisamos dar um nome a você, como quer se chamar?

A cachorra pegou uma garrafa de refrigerante no carrinho em que Marcos levava as suas coisas e começou a sacudi-la com a boca.

— Dolly! Seu nome será Dolly!

A cachorra abanou o rabinho contente, pareceu gostar.

A noite desceu muito fria, já era inverno, havia cinco anos que não dormia no albergue, desde que encontrou Dolly, não poderia deixá-la sozinha ao relento, à mercê dos perigos da rua.

No entanto aquele inverno estava muito rigoroso, então, Marcos decidiu arriscar iria até o albergue e tentaria entrar com Dolly.

Chegando ao local, não lhe permitiram sequer entrar por um momento:

— Como eu disse senhor, a temperatura aqui fora está congelante e eu não posso deixar a minha Dolly sozinha...

— E como eu disse, aqui a gente tem regras, bicho não pode, pode morder os outros, pode passar doença e não temos lugar para ficar, nem mesmo ração. — Diz Agenor.

— Senhor, não carece dessa dureza, ela fica comigo, ração eu tenho e ela é limpa e dócil, não faz mal para ninguém não.

— Não há o que fazer, regras são regras, ou você entra só, ou fica com a cachorra, os dois não podem.

Marcos não deixaria Dolly nem por um decreto. Armou a melhor cabana que pôde com as doações que recebeu de grupos de caridade, foi comprar seu jantar e de Dolly, quando voltou estavam todos os moradores do viaduto perplexos, uma ação da prefeitura levou todos os cobertores, lonas, madeiras, papelões, tudo que eles tinham.

— Temos vagas no albergue, leis são leis, a ordem do prefeito é para deixar a rua limpa.

Aquela política, mesmo que, talvez, motivada por uma preocupação real, na prática traduziu-se em uma ação cruel e desumana, de fato apenas fez varrer a “sujeira” da cidade para debaixo do tapete, o problema é que essa “sujeira” tinha vida.

— Onde está sua empatia? — Disse Marcos, chorando.

O homem olhou para sua amiga canina, pegou o último papelão que lhe restava e forrou o chão, se abraçou fortemente à Dolly, esquentando-a, mas, não havia nada mais que os esquentasse, e naquela noite, Marcos deu o último suspiro e seu corpo enrijeceu.

Dolly pela manhã desesperada, tentava em vão acordar o seu melhor amigo, assustada se escondeu em um canto embaixo do viaduto e viu quando o colocaram em um saco, feito lixo.

— Ei, levanta cara — Disse um agente da GCM.

— Ele nem se mexe — Diz outro.

Conferiram e realmente, Marcos estava sem vida, após os procedimentos padrão, colocaram-no em um saco preto, fecharam o zíper, e colocaram-no em um carro oficial branco.

O carro partia com o corpo de Marcos e Dolly não poderia deixar o amigo, como ia fazer sem ele? Ele era sua fonte de alegria, decidiu segui-lo.

O carro seguiu pela avenida Marquês de São Vicente e Dolly em prantos corria atrás, ninguém se comoveu com seus latidos, correndo ela não viu quando um carro preto vinha na contramão. Acertou Dolly em cheio, que foi jogada para a beira da avenida.

Inconsciente, Dolly sonhou com Marcos, enquanto os populares a tentavam ajudar. Ninguém sabia o que fazer, mas, passava por ali Eliana, que conhecia uma ONG independente que resgata e cuida de animais, em situação de vulnerabilidade.

Costumava vê-los postar no Facebook, então, não pensou duas vezes em mandar uma mensagem no Messenger, em cinco minutos foi respondida e naquele domingo frio, apareceram duas mulheres na cena em que tudo aconteceu. Eliana não havia arredado o pé dali, estava preocupada com Dolly, ela tinha uma plaquinha no pescoço, continha o nome e nada mais.

— Você é a Eliana?

— Sou eu! Você deve ser...

— Margarida, e essa é a Fátima.

— Prazer em conhecê-la embora a situação, vamos pegar Dolly com cuidado e a colocar no carro. — Disse Fátima.

Chegaram em um hospital veterinário próximo de confiança, as notícias não eram boas, Dolly havia quebrado as duas patas dianteiras e uma das costelas que perfurou o pulmão, teria que fazer quatro cirurgias, mais remédios e internações. O valor ficou astronômico, o veterinário penalizado com a situação, deu um bom desconto, mas, a situação era grave e não haviam garantias que Dolly sobreviveria, além dos gastos que teria com os materiais cirúrgicos, remédios e mão de obra, era difícil a situação dos dois lados.

Mas, as três mulheres estavam determinadas, a ONG não tinha subsídios do governo, era bancada pela simples caridade de pessoas comuns como tantas outras que se dispunham a ajudar. Teriam que mais uma vez recorrer à essa ajuda, enquanto Dolly passava pela cirurgia.

As três mulheres não perderam tempo, começaram a campanha imediatamente na internet, Facebook, Instagram, WhatsApp, Twitter, e-mail, em plena era da informação não é difícil ter um meio de se comunicar com as pessoas, mas, tocá-las devido à tanta informação que recebem. O Caso de Dolly rapidamente se alastrou pela rede, conversando com moradores da região próximo ao ocorrido, Eliana, Margarida e Fátima

descobriram o que aconteceu a Marcos, Dolly era órfã e precisava de ser adotada depois de todos os cuidados.

Embasados nas testemunhas, os relatos da vida de Dolly chocou o Brasil, a ação da prefeitura, o descaso dos albergues que culminou na morte de um ser humano e no sofrimento de uma criatura tão inocente como Dolly.

Houve manifestação em frente à prefeitura, com cartazes de apoio a Dolly, Marcos e tantos outros moradores em situação de rua. No entanto, algo ainda não estava resolvido, apesar da grande comoção, conforme os dias se passaram, poucas pessoas se propuseram a efetivamente doar pela saúde de Dolly. O que fariam agora?

Era estranho que tanta comoção com o caso não estivesse gerando doações, o povo brasileiro costuma ser solidário. Eliana estava inconformada com o caso, com a dívida a situação da ONG das amigas ficaria complicada, haviam outros peludos precisando de tratamento e a base de tudo era o amor e desprendimento com que as pessoas se engajavam em prol da causa.

O que estaria dando errado desta vez? Será que o poder do amor dessa vez não era o suficiente para fazer a magia acontecer? Será que lhes faltava fé?

Foi quando uma conhecida repassou uma mensagem no WhatsApp de Eliana, ela gelou no exato momento: Uma conta falsa, no site de vaquinha online havia recebido milhares em doações em nome da ONG! As pessoas de boa fé estavam sendo ludibriadas por algum criminoso se aproveitando da situação de comoção popular para lucrar! Isso era terrível!

Fatima, Eliana e Margarida chegaram à delegacia de crimes virtuais mais próxima naquele dia, prestaram queixa, e passaram todas as informações possíveis para a polícia que começou a agir rapidamente para rastrear os criminosos.

Chegaram há um homem de seus trinta anos chamado Elias.

— Por que você fez isso, a situação não te comove? – Disse o Delegado Magno.

— Claro que não, eu não me preocupo com bicho, me preocupo com gente – diz Elias — todo esse dinheiro, um desperdício, melhor que vá para mim que estou cheio de dívidas!

— Ha é? Você se preocupa com gente?

— S...si...sim! Me preocupo.

— Qual foi a última vez que você ajudou uma pessoa em estado de vulnerabilidade? Quando foi que você deu um pão para uma criança morrendo de fome, quando você visitou um asilo, ou colocou no colo uma criança órfã e leu para ela uma história? Ou você só fala?

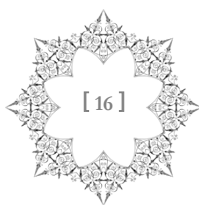
— Essas coisas são obrigação do governo, o que eu posso fazer sozinho?

— Você vai refrescar a cabeça na prisão, lá talvez você descubra que o mundo não precisa de pessoas fazendo muito, precisa de pessoas fazendo algo!

O valor roubado por Elias foi revertido para a campanha de Dolly pela justiça, a ONG pode cuidar de Dolly e mais tantos outros peludos que foram resgatados, Dolly que estava entre a vida e a morte aos poucos se recuperou, e embora Marcos não estivesse mais entre os vivos, ela sentia a sua energia cobrindo-a de amor.

Esse amor, de Marcos, das três mulheres e de tantas pessoas comovidas chegou a Dolly em forma de cura. Em seis meses estava novamente reabilitada e foi adotada pela própria Margarida, que como flor que era não resistira a doçura e meiguice da peludinha.

E foi assim que uma história que começou triste, teve um final feliz. Porque existem pessoas no mundo fazendo algo a despeito de tantas coisas ruins que nos cercam todos os dias!





APRESENTAMOS O POEMA

CADELINHA AMADA

POR FIA OLIVEIR

PROFESSORA GRADUADA EM LETRAS, PÓS GRADUADA EM PSICANÁLISE, PÓS GRADUADA EM LITERATURA E PSICANALISTA CLÍNICA E DITADA. MÃE DE DOIS SERES LINDOS E AVÓ DE OUTROS CINCO, AMA ESCREVER SOBRE O AMOR, POIS É VIDA.



Xinxa, minha, minha Xinxa
Perdoe-me por te abandonar
Sempre estive do lado de lá
Sofri desdém desmerecimento,
esquecimento e tanto faz
Mas nunca fui ausente ou desleal
Foi contigo que foi acontecer
Deixei-te de saudade padecer.

Parti sem olhar pra trás
Sabendo o que não sabias
Pois não podia dali levar-te
E nem te falar o que sentia
O meu sofrer não entenderias
O que naquele momento doía
E fui embora a nos jurar
Que voltaria pra te buscar.

Não foi fácil me adaptar
Nem sequer de ti, lembrar
Sozinha a esperar, definhavas
Minha chegada ansiavas
Em dias e noites que se iam
Nenhum deles te trazia
Tua amada, tua alegria
Quem te cuidava e defendia.

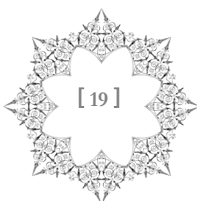
Assim passaram-se meses
Anos e anos sem fim
Eu tentando sem conseguir
Enganar-me que iria te ver
Pra junto de mim te trazer

Da maldade me explicar
E contigo pra sempre ficar
Até Deus nos separar

Faltando tão pouco te foste
Sem minha figura rever
Deixando-me em remorso
Que julguei jamais sentir
Pois sempre quis cumprir
Com respeito, amor e zelo
A promessa de cuidar
Dos que Deus me confiou zelar.

Não conseguindo mais esperar
Foste para a eterno sem fim
Sequer te foi dado o direito
Te chamar-me pra te despedir
Pois só soube da tua morte
Quando um alguém teve certeza
Que não teria mais aumento
Nessa notícia mais, me ferir.

Mas amor não tem medida
É sem cheiro, tato e cor
E sendo forte e tendo calor
Vive das boas lembranças
Sobrevive de saudade e dor
E compreende todo sofrer
Daquele que nos deixou
Sem nos abandonar querer





APRESENTAMOS O POEMA

A TUA LEI DOS HOMENS

POR FLAVIO JOSSERT

FLAVIO É POETA, HERALDISTA, ESOTÉRICO, MAGISTA, E ACIMA DE TUDO AMBIENTALISTA, SABE QUE A ARTE ATRAVÉS DA ESTÉTICA É A CULTURA QUE TRANSFORMA O MUNDO NUM LOCAL CIVILIZADO. TRABALHA NO CONTROLE DE ENDEMIAS DO RIO DE JANEIRO ONDE É GUARDA 1, E ADIDO CULTURAL. A POESIA, UMA DAS ARTES DAS MUSAS DE PERSÉFONE, É A FERRAMENTA DE SUBLIMAR OS PROBLEMAS E DE EDUCAR PARA O AMOR, RESPEITO, E PRESERVAÇÃO DA NATUREZA. NASCEU EM NITERÓI - RJ EM 1973.



Quando a Lei não faz justiça, ela é injusta, como a Lei Sálica que pune quem ainda não nasceu.

Oh! Lei injusta.

Oh! Lei cruel.

Sentença má,
me separa de ti.

Corre pela capoeira,
livre longe de meu amor.
Tão longe de ti
quanto do meu coração.

O desejo da criatura
com carinho te criar.
Agora é tolo Crime
que arde em penar.

O Tejo descortinava
nosso encontro além mar.
Teiú tu encarnava
a vontade de brincar.

Esperava tua volta,
ver te chegar no portão.
Tive que te soltar
pro amor não ser prisão.

É meu lagarto quem está livre

das amarras do coração.

Eu agora condenado
à tristeza e solidão.

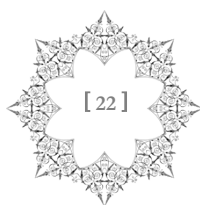
De noite vem me ver
tão distante da prisão.

Livre sem te ter,
preso à ilusão.

Não existindo,
sua existência
trouxe a separação.
Era essa a condição.

Em sonhos sonhamos livres para pensar nossa felicidade.

(...) pela mesma porta um passa
para a liberdade e o outro
para a prisão (...)





APRESENTAMOS O POEMA

GAIATAS

POR JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA

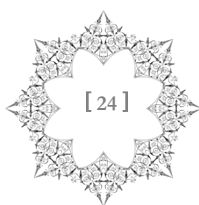
JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA NASCEU NO RIO DE JANEIRO, EM 1979. FORMOU-SE MÉDICA-VETERINÁRIA EM 2002, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF, ONDE ATUA COMO PROFESSORA DESDE 2009. AUTORA DO LIVRO BEM-ESTAR ANIMAL E A SOCIEDADE – GUARDA RESPONSÁVEL DE ANIMAIS DE COMPANHIA, PUBLICADO EM 2020. AMANTE DA NATUREZA E DOS ANIMAIS, IMPULSIONADA PELA ARTE DE VIVER.



Seus olhos me acompanham
Por onde me desloque
Como faróis, brilhantes
Belos, fascinantes.

Lá vem as gatas
Na minha direção
Arteiras, faceiras
Alegres, gaiatas.

Rodeiam minhas pernas
Esfregam suas caudas
Miam baixinho
Pedem carinho.





APRESENTAMOS O CONTO

TIMMY, O CHINCHILA EXPLORADOR

POR KAMILLA GODOY

KAMILLA GODOY, NATURAL DO INTERIOR DE SÃO PAULO, É GRADUADA EM BIBLIOTECONOMIA. ATUA NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM MARKETING DE CONTEÚDO. SUA INSPIRAÇÃO PROVÉM DE SEU AMOR POR LIVROS DE SUSPENSE, FANTASIA E POESIA. ALÉM DE SUA PAIXÃO PELA ESCRITA, ELA APROVEITA SEU TEMPO LIVRE COM JARDINAGEM E FOTOGRAFIA, CAPTURANDO A BELEZA DE FLORES E PÁSSAROS. KAMILLA TAMBÉM É APAIXONADA POR ANIMAIS E CUIDA DE SUAS ADORÁVEIS CHINCHILAS, QUE TRAZEM ALEGRIA AO SEU DIA A DIA.



Timmy, uma bolinha de pelo preta vibrante, como uma pequena faísca de energia, sempre saltitando para lá e para cá. Cada dia para ele é uma nova oportunidade de descobrir mistérios escondidos nos cantos de seu mundinho, com seus olhos brilhantes de entusiasmo e patas ágeis que nunca paravam. Em contraste, seu irmão mais velho, Lyllo, uma nuvem cinza fofinha e serena, passava os dias mergulhado em sonhos doces, aninhado em sua casinha confortável.

Na véspera de Natal, a família decidiu levar Timmy e Lyllo para a casa dos avós, uma viagem que prometia ser cheia de novas experiências. A família toda estava empolgada para ver as chinchilas, e em especial queria ver o Timmy, cuja reputação de travesso o precedia.

Ao chegarem, as gaiolas das chinchilas foram cuidadosamente colocadas em um quarto arejado. Os viveiros eram amplos e aconchegantes, com bastante alfafa fresca e brinquedos para mantê-los ocupados. Lyllo, com sua natureza tranquila, imediatamente se aninhou no canto de sua gaiola, pronto para um cochilo após a viagem. Timmy, por outro lado, estava com os olhos despertos, observando cada movimento ao seu redor.

Após um tempo, os avós, preocupados com o bem-estar das chinchilas, foram verificar se estavam bem acomodados. Satisfeitos com o que viram, voltaram para a sala de estar, onde a família se reunia em torno da mesa para compartilhar histórias e risadas.

Vendo a movimentação, Timmy, sempre curioso, aproximou-se da lateral de sua gaiola, farejando o ar novo e diferente. A chinchila continuava sua inspeção, explorando cada canto de sua gaiola, com suas pequenas patas fazendo um barulho suave contra o fundo fofo forrado com serragem, sua curiosidade crescendo a cada minuto.

A noite caiu suavemente sobre a casa dos avós, trazendo uma sensação de expectativa e alegria. Na cozinha, os preparativos para a ceia de Natal estavam a todo vapor, com risadas e conversas animadas misturando-se aos deliciosos aromas de assados, farofas e sobremesas. Timmy, ansioso para descobrir a origem daqueles sons e cheiros, começou a procurar uma forma de sair. Sua mente curiosa se lembrou da pequena abertura do comedouro. Com várias tentativas e muita insistência, Timmy finalmente conseguiu empurrar o comedouro e passar pela fresta, apesar de ser um filhote um tanto gordinho.

Livre da gaiola, Timmy avistou a porta do quarto entreaberta, a próxima etapa de sua jornada. Com o coração batendo forte de empolgação, ele empurrou a porta com o focinho e saiu silenciosamente para o corredor, onde as luzes suaves e os sons distantes criavam um ambiente ainda mais intrigante. Enquanto isso, a família continuava os preparativos na cozinha, alheia à pequena aventura que Timmy estava vivenciando.

O vasto território à frente o chamava, cheio de misteriosos e grandiosos objetos. Uma gigante verde e brilhante, toda enfeitada com pequenas estrelas cintilantes, se erguia no meio do espaço. Timmy ficou encantado. Aproximou-se lentamente, farejando o chão ao redor da gigante. As luzes piscavam, refletindo em seus olhinhos curiosos e criando um espetáculo de cores que o deixou hipnotizado. Parou por um momento, ficando em pé sobre suas duas patas traseiras, maravilhado.

Após explorar esse lugar fascinante, Timmy decidiu que era hora de descobrir novos territórios. Uma abertura em uma grande parede chamou sua atenção. Do outro lado, havia um espaço cheio de papelões empilhados e objetos retorcidos que subiam e desciam. Ele entrou silenciosamente, como um pequeno espião. Ali, o chão estava decorado com serpentes adormecidas, estendidas de um lado a outro. Eram coloridos e intrigantes que pareciam implorar para serem explorados.

Timmy não resistiu à tentação e começou a roer essas serpentes, que tinham sabores e texturas eletrizantes. Continuando sua travessura, roeu algumas até sentir um gosto estranho, como metal. Isso o fez parar e procurar outra diversão.

Com pequenos saltos, chegou em um grande campo macio e acolhedor, como uma montanha de nuvens fofas. O ar era agradável de tecido fresco, e Timmy correu pelo chão suave, fazendo pequenas curvas e saltos, como se estivesse brincando de pega-pega consigo mesmo.

Enquanto explorava cada canto, a chinchila se aproximou de uma grande caverna debaixo de uma estrutura elevada. De lá, dois olhos brilhantes pareciam observá-lo. Timmy congelou, seus pequenos bigodes vibrando sem parar. O coração batia acelerado enquanto ele se aproximava cautelosamente da toca. Ao chegar mais perto, ele cutucou um deles com o nariz, percebendo que não era nada assustador, apenas mais um objeto curioso em sua grande aventura.

Mais tarde, Heitor, avô da chinchila, que havia chegado cedo para ajudar nos preparativos, decidiu checar se estava tudo em ordem. Ao entrar na sala de estar, notou algo fora do comum: Timmy, a chinchila aventureira, estava fora de sua gaiola, explorando alegremente o ambiente decorado. Surpreso, ele parou por um momento para processar a cena: a pequena bolinha de pelo farejando curiosamente os presentes sob a árvore de Natal.

— Mas o que é isso? — exclamou ele, aproximando-se devagar para não assustar Timmy, que, ao perceber a aproximação, ficou alerta e correu em direção ao corredor.

Determinado a colocar Timmy de volta na gaiola antes que causasse mais travessuras, o avô iniciou a perseguição. Capturar um chinchila ágil e curioso, no entanto, não era uma tarefa fácil. Timmy se esgueirava por baixo dos móveis, pulava sobre almofadas e corria de um cômodo para outro, sempre dois passos à frente.

— Como vou pegar esse pequeno arteiro? — pensou Heitor, frustrado, enquanto a chinchila travessa desaparecia momentaneamente de sua vista.

Então, ele teve uma ideia brilhante. Correu até a cozinha e voltou com um punhado de uvas-passas, o petisco favorito do pequeno fugitivo. Segurando as guloseimas na mão, ele começou a chamá-lo suavemente:

— Timmy, olha o que eu tenho aqui! Uvas-passas, suas favoritas!

A voz calma e o aroma doce chamaram a atenção de Timmy, que se aproximou cautelosamente farejando o ar. Com o plano funcionando, o avô começou a se mover devagar, atraindo Timmy cada vez mais perto. Com um movimento rápido, ele conseguiu segurar a chinchila com uma mão, enquanto com a outra oferecia os petiscos. Timmy, inicialmente assustado, logo se acalmou ao perceber que estava seguro e que ganharia uma guloseima.

Finalmente, depois de muita correria e paciência, o avô conseguiu levar Timmy de volta ao quarto e colocá-lo na gaiola. Fechou a porta, cuidadosamente, colocando o comedouro de volta no lugar, garantindo que não haveria mais fugas naquela noite. Com um suspiro de alívio, ele observou Timmy saboreando suas uvas-passas, feliz com a aventura vivida e o prêmio conquistado.

Quando Myrella, a mãe do Timmy, e sua irmã Marcela chegaram à casa dos avós, a ceia foi servida e a família reunida em torno da mesa, conversando animadamente. Ao entrarem no quarto onde Timmy e Lylo estavam, notaram os resquícios de uma recente

aventura. Timmy estava na gaiola, mastigando contente as últimas uvas-passas, mas havia algo no ar que sugeria uma noite agitada.

— Algo aconteceu aqui — disse a irmã, olhando para os pequenos sinais de travessura. Com um sorriso conspirador, elas decidiram investigar o que Timmy aprontou. O quarto estava relativamente em ordem, mas alguns detalhes chamaram a atenção: pelos espalhados pelo chão e pequenos cocozinhos aqui e ali.

Seguindo os rastros, saíram do quarto e começaram a inspecionar a sala de estar. Lá, e volta da árvore de Natal, notaram marcas de pequenas patinhas. Timmy, aparentemente, havia explorado todos os cantos da sala. Alguns enfeites estavam ligeiramente deslocados, e pequenos pedaços de glitter estavam espalhados pelo chão, indicando que a chinchila brincalhona se divertiu bastante com as decorações.

Do corredor, seguiram para o escritório. Ao abrir a porta, ficaram boquiabertas. Fios roídos estavam por toda parte – cabos do computador, da impressora e do carregador de celular. — Aqui está um dos locais favoritos do Timmy — disse Myrella, apontando para os cabos com leves mordidas. — Pelo jeito, ele adora roer os fios!

— Ainda bem que a mãe deixa os equipamentos fora da tomada! — completou a irmã, aliviada.

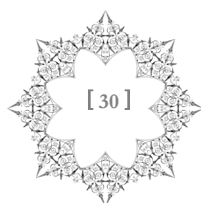
Enquanto examinavam o escritório, Marcela encontrou mais alguns indícios da presença de Timmy: papéis com pequenas mordidas e marcas de patas em alguns livros. — Ele se esbaldou aqui — comentou ela, rindo.

Seguindo para o quarto de hóspedes, notaram pequenos tufo de pelos perto das pantufas velhas de Myrella. — Pelo visto, o Bolinha se assustou com minhas pantufas de gatinho! — disse rindo. Ao se aproximarem, viram pegadas nas almofadas, evidências claras de que Timmy havia escalado e explorado aquele local também. — Ele deve ter se sentido o rei do mundo aqui em cima — brincou Marcela, imaginando o pequeno chinchila no topo da pilha de almofadas.

A investigação levou-as de volta à sala de estar, onde elas compartilharam suas descobertas com o restante da família. Cada detalhe das peripécias de Timmy foi recebido com risadas e comentários divertidos. — Ele realmente aproveitou sua noite de Natal — disse Heitor, contando os detalhes de como finalmente capturou o pequeno meliante, com a ajuda das uvas passas.

Enquanto todos riam e comentavam sobre as peripécias da chinchila caçula, Lylo continuava a dormir tranquilamente em seu viveiro, alheio a toda essa agitação. Timmy,

agora mais calmo depois de sua grande aventura, observava a família com seus olhos brilhantes, parecendo satisfeito com o caos que havia causado.





APRESENTAMOS O CONTO

UM DUQUE EM NOSSAS VIDAS

POR MARÍLIA FERREIRA EMMI

MARÍLIA FERREIRA EMMI É AMAZONENSE, RESIDENTE EM BELÉM/PA. É SOCIÓLOGA E DOUTORA EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS. AUTORA DOS LIVROS: A OLIGARQUIA DO TOCANTINS E O DOMÍNIO DOS CASTANHAIS; ITALIANOS NA AMAZÔNIA (1870-1950); UM SÉCULO DE IMIGRAÇÕES INTERNACIONAIS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA (1850-1950). DESDE 2016 ESCREVE CONTOS QUE FORAM PUBLICADOS EM VÁRIAS ANTOLOGIAS, ENTRE AS QUAIS, ALGUMAS BILÍNGUES (PORTUGUÊS/FRANCÊS; PORTUGUÊS/INGLÊS E PORTUGUÊS/ITALIANO). É MEMBRO DA REBRA – REDE DE ESCRITORAS BRASILEIRAS.



Num certo dia de julho, fui despertada por miados insistentes que vinham da sala de visitas. Não eram miados comuns, pareciam mais uma melodia ritmada e triste, eu diria que era um lamento.

Depressa me levantei da cama e ao chegar na sala deparei com uma cena que jamais iria esquecer: o Duque dava voltas em torno de uma poltrona, a mesma poltrona que durante muitos anos foi o lugar predileto de alguém muito amado e que recentemente subira para o plano superior de existência.

Sim, era nessa poltrona que ele recebia afagos e ouvia os chamados carinhosos do “vovô” Giovanni.

Demorei algum tempo para entender aquela tão expressiva cena e me perguntei se os lamentos do Duque seriam uma demonstração de saudade. Tal como os humanos, os nossos animaizinhos de estimação têm sentimentos. Eu acredito no que estou a afirmar!

A inusitada cena me trouxe a lembrança feliz da chegada do Duque em nossas vidas. O dia nublado de abril anunciava mais uma chuvarada tão comum nessa época na capital paraense. Mas, dessa vez, seria o prenúncio de uma chuva de bênçãos? O anúncio da chegada de um “serzinho” que teria tantas lições a nos ensinar...

— Filha, pode ir buscar esse gatinho! Ele vai morar conosco! Assim falei para a Gabi, com os olhos cheios de lágrimas. Gabi entre alegre e surpresa assim reagiu:

— Mamãe, a senhora tem certeza do que está me pedindo? Há muito queria adotar um gatinho, mas a senhora sempre colocou obstáculos, dizia que tinha medo, que eu não teria tempo de cuidar do bichinho...

Mas Gabi nem demorou com as argumentações, talvez pensando que eu pudesse mudar de ideia, muito feliz e depressa entrou em contato da doadora para comunicar a nossa decisão. Ficou acertado que no final da tarde o gatinho mudaria de endereço. Toda a família se mobilizou para garantir as condições iniciais para a adaptação.

Confesso que me enterneceu a foto de um gatinho todo branquinho, assustado com o olhinho direito quase fechado. Seria um defeito de nascença? Seria resultado da violência das ruas? Para mim pouco importava, mais do que a imagem, o que mais me comoveu foi a legenda da foto:

“Éramos três irmãozinhos abandonados no lixo. Os dois foram adotados, mas eu fiquei e preciso de um lar cheio de amor.”

O gatinho chegou com uma carinha de assustado, miava timidamente, bem baixinho, e procurava sempre um abrigo para se esconder. Neste quesito tudo valia desde as cortinas da sala, atrás das cadeiras, debaixo dos móveis; no forro de TNT do box da cama. Até em lugares que não ofereciam qualquer segurança: atrás do fogão e entre os espinhos das roseiras. Espalhamos caixas de papelão por todo o apartamento. Mas as que ficavam mais visíveis não ganhavam sua atenção, ele procurava as mais escondidas.

Bem, o novo morador da casa precisava de um nome. Toda a família queria dar um palpite: Veludo, Mingau, Floquinho, entre outros, foram os nomes sugeridos. Mas a escolha recaiu no nome que a “vovó” sugeriu, um título de nobreza: Duque di Rivello, para lembrar as origens italianas de seus tutores.

Os primeiros meses foram difíceis. Pregou sustos na família com sumiços. Escondeu-se na gaveta do guarda-roupas e no forro do sofá cama. Os primeiros “carinhos” foram sucessivos arranhões (instinto de defesa).

Muita coisa mudou, desde brinquedos espalhados pela casa, potinhos de ração, bebedouros, tudo era feito para criar um ambiente feliz ao novo morador da casa. A adaptação foi lenta, gradual e permanente, com altos e baixos. Tempos depois ele “adotou” toda a família

Hoje podemos dizer com segurança que temos em casa mais um amigo e protetor. Ele é muito sensível, parece perceber quem está fragilizado, doente ou triste e procura fazer companhia.

Ah! Duque de Rivello, Duquinho, Dudu... quanto bem tu nos fazes! Afinal nem sei quem ganhou mais com tua presença aqui em casa, mas tenho um palpite muito forte que fomos todos nós: a família que escolheste!





APRESENTAMOS O POEMA

AMOR INFINITO

POR MARLENE KRUPA DO ROSÁRIO

MARLENE KRUPA DO ROSÁRIO, 44 ANOS. PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL. RESIDE NA CIDADE DE ARAUCÁRIA/PR.

AMA ESCREVER POESIAS, DEMONSTRA AMOR INCONDICIONAL PELAS PALAVRAS E PELA ARTE. PASSA HORAS ESCREVENDO. ACREDITA QUE AO ESCREVER, DESPERTA SENTIMENTOS E CONEXÕES QUE FAZEM COM QUE O LEITOR SE SINTA PARTE DA HISTÓRIA. É COMO ABRIR PORTAS PARA UM MUNDO NOVO, ONDE AS EMOÇÕES GANHAM VIDA.



Dia exausto
Aconchego do lar.
Correm os cães ao nosso encontro
Em cada latido ressoa uma canção

Em cada lambida um afeto profundo
Lealdade no olhar.
Companheiros fiéis
Guardiões de segredos

Amor incondicional
Oh! Cães que dominam meu coração.
Em suas patas o calor do amor
Abraço peludo

Nas manhãs de sol
Saltam na cama
Na coberta quentinha se aninham
Com ronronar suave embalam o sono.

Correm pela casa
Rolam, se espreguiçam
Pedem petisco
Heróis sem capa

Destroem sapatos, móveis,
O jardim...
Mas nunca o nosso coração.
Inexplicável.

Roubam o sofá
Na almofada são a realeza

Entre sonecas e sonhos

Vão reinar

Travessuras por todo lado

Felicidade é isso.

Laço sincero

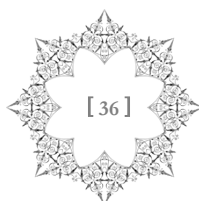
Abrigo feliz!

Protegido e iluminado.

Amigos peludos, amigos de patas

Bob, Rebeca, Nina, Luna e Toucinho

Nosso amor infinito.





APRESENTAMOS O CONTO

ELLÓRAH

POR ORNELIA GOECKING OTONI

A ESCRITA É UMA TERAPIA, QUE ME ALEGRA SOBREMANEIRA. GOSTO DE MÚSICA, LIVROS, VIAGENS, VINHOS E CACHORRO. NÃO TENHO FILHOS. MORO NO INTERIOR DE MINAS GERAIS, ONDE A CULINÁRIA E O ACONCHEGO SÃO OS MELHORES ATRATIVOS DO TURISMO.



Ela chegou miudinha, assustada, tremendo de frio e medo, com fome de amor, e muita sede de vida. Fora abandonada no meu portão, os vizinhos sabiam que eu amava cachorros. Chorei muito quando a vi assim, tão maltratada, mas decidi que daquele momento em frente, faria tudo para oferecer a esta criança de quatro patas todo carinho e cuidado necessários a sua felicidade. Porque afinal, este seria também o meu sentimento.

Dei-lhe o nome de Ellórah. Nunca descobri sua verdadeira raça, mas isso pouco importava. Seu pelo era em tom abricó, o nariz era albino, orelhas medianas, assim como seu porte, também elegante. Parecia desfilhar quando andava. Era carinhosa, meiguinha, e muito inteligente. Sabia onde estavam as chaves do carro e sua coleira, pois entendia que só era possível passear em segurança. Era arteira, gostava de bolas e chinelos, que cortou alguns. Muito educada, raramente latia, sabia exatamente o lugar do xixi e nunca me envergonhou com as visitas. Gostava de melancia, melão, maçã, morango, uva (sem caroço) e abacate. Também apreciava ovo, mas sempre foi favorável a ração. Apesar de ter uma cama confortável, dormíamos juntinhas, ou então, com ela agarrada nas minhas pernas. Vez ou outra invadia meu travesseiro.

Ellórah gostava de música e futebol (sou vidrada neste esporte!) , “torcia” pelo Cruzeiro e parecia entender quando este perdia o jogo.

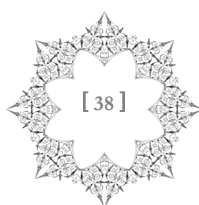
Ela também parecia sorrir, e por incontadas vezes pensei que estivesse conversando. Nossa ligação era incrível, a sintonia me encantava, e onde ela não pudesse estar, eu também não estaria. Ela era o xodó dos vizinhos, e todos os meus amigos a conheciam, queriam saber como ela estava, e me parabenizavam no dia das mães. Eu achava o máximo!

Eu a arrumava lindamente, comprei roupinhas, sapatinhos, toalhas, perfumes. Até fiz um plano de saúde pra ela!! Os que me chamavam de louça nunca entenderiam, e jamais entenderão!

Mas em maio de 2021 fiquei bem doente, tive que amputar a perna direita e foi um processo difícil. No hospital, minha maior saudade era de Ellórah, e eu chorava horrores, porque sabia que ela também estava sofrendo minha ausência. Um dos médicos me permitiu vê -la, e foi um encontro emocionante, tendo provocado lágrimas em todos os que presenciaram tal evento. Fiquei em paz, ela estava bem, sendo cuidada por minha mãe.

Quando voltei pra casa, Ellórah não mais dormia entre as minhas pernas, acho que ela entendeu que só havia uma. Mas foi sua doce presença que me encheu de esperanças, a alegria que ela me transmitia era contagiante, e seu amor, tão genuíno e gratuito me deram forças para prosseguir. Ainda hoje é assim.

Com o tempo comprei uma prótese, e mandei plotar uma foto da minha filha de quatro patas no encaixe. Assim, por onde eu for, ela sempre estará comigo, e nunca mais caminarei sozinha.





APRESENTAMOS O POEMA

GUGU

POR REGIANE SILVA

A AUTORA NASCEU EM SALTO-SP, MAS RESIDE NO RIO DE JANEIRO DESDE CRIANÇA. É APAIXONADA POR LITERATURA NACIONAL E ESTRANGEIRA E NÃO DESPREZA NENHUM GÊNERO LITERÁRIO. ELA POSSUI UM LIVRO INFANTOJUVENIL PUBLICADO, ALÉM DE POESIAS, CRÔNICAS, CONTOS E MICROCONTOS EM ANTOLOGIAS DESTINADAS AO PÚBLICO INFANTOJUVENIL E ADULTO.



Gato idosinho
O meu amiguinho
Dorme, dorme, dorme
Nos preferidos cantinhos
Não adianta retirar
Ele resmunga
Com as orelhas para trás
Zangado
Volta ao costumeiro lugar
Levanta, estica as patas
Com sua língua
Toma banhos demorados
Gosta de carinho
Faz barulhinho
Ronrona alto
Igual a um motorzinho
Apesar de idoso
Não se vê fraquinho
É bem corajoso
Dá patada, sem medo
No focinho do cachorro xereta
Briga com os outros gatos
Se duvidar, ainda caça ratos
Não os de verdade
Tem muitos de borracha
Ele é diferente dos gatos do passado
Bebe água no pote florido
Junto aos passarinhos
Come ração especial
Merece o melhor, és fenomenal!
Reclama quando vai ao veterinário
Pela expressão facial, acha chato

Murmura ao cortar as unhas
Se coloco a mão na sua barriga
Morde com a banguela
Pensa que é pantera!
Enroladinho
Parece fofo travesseiro
De repente, fica alegre
Corre pela casa
Faz festa!
Agradeço por estar há anos comigo
És meu eterno amigo
Um dia
De coração partido
Sem pelos nas minhas roupas
Olharei para o céu
De manhã e tarde, linda nuvenzinha
De noite, preferida estrelinha.





APRESENTAMOS O CONTO

LENG LENG E KEI KEI

POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAIS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).



Eram duas lindas filhotinhas com três meses de idade, irmãs da mesma ninhada de cão da raça "boxer", adquiridas para serem guardas da nossa casa.

Na minha ignorância e desconhecimento sobre os caninos, eu pensava que cães eram especificamente para guarda — quase que como uns "autômatos programados" para esta função. Logo logo, tivemos que corrigir os inesperados problemas de logística como abrigo adequado, proteção, cuidados e, mais importantes, atenção e carinho... E iniciou-se uma saga.

Kei Kei era a última disponível da ninhada com *pedigree** – considerada pelos entendidos, como a de "menor valor", pois saía um pouco do "padrão boxer". Ela tinha o focinho e o corpo mais longos do que o "exigido", além de ter o pelo "tigrado" – riscado de preto e castanho — (também menos "valorizado").

Leng Leng era uma douradinha, "dentro" dos padrões, mas com pouca cor branca no tórax. Então, era a penúltima da ninhada. Os outros filhotes já tinham sido adquiridos ou reservados.

Para nós, elas eram só descobertas, com personalidades únicas e diferentes graus de inteligência.

Kei Kei era atenciosa, cuidadosa e enquanto pequena, ao se expressar" em longas explicações feitas pelo abrir e fechar da sua boca, acompanhada por movimentos da língua e até da cabeça, apoiava as patas dianteiras em qualquer parede ou estrutura, para não as apoiar em nós.

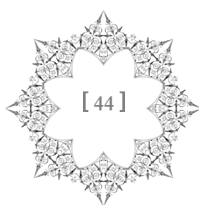
E era uma guarda extrema, sem nunca ter sido treinada para tal. Quando adulta, ao sairmos para passear — ela e eu —, eu a colocava sempre do lado interno do passeio ou estrada. Mas, se ela via qualquer pessoa vindo na minha direção, ela imediatamente, passava para o lado oposto e ficava entre o indivíduo em questão e eu.

Em matéria de "inteligência", eu nunca imaginara que um cão pudesse atingir este nível — a não ser naquelas estórias em reportagens ou filmes, quando nunca temos a certeza das suas veracidades. E este exemplar de inteligência canina — Kei Kei —, será tema para relatos futuros.

Leng Leng era estabanada, brincalhona, ignorava mandos e, aparentemente, só queria se divertir. Se boa guarda ou não, nunca vimos grandes sinais — ou teria sido inibida pela Kei Kei?

E com estas duas "companheirinhas", eu comecei a entender o que é um cão. Confesso que a minha vida mudou completamente. Aprendi e continuo aprendendo muito sobre os animais, nosso relacionamento com eles, o respeito e obrigações que lhes devemos e, acima de tudo, o amor e lealdade incondicionais que nos dedicam e que nem sempre sabemos retribuir.

**pedigree* significa a genealogia (linha de ancestrais atestada por um documento) de um animal de raça.





APRESENTAMOS O CONTO

KEI KEI E A "AVOADA" LENG LENG

POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTA A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).



Leng Leng e Kei Kei eram duas cadelas Boxers, irmãs da mesma ninhada, que vieram para nossa casa com três meses de vida.

Kei Kei era muito inteligente, cuidadosa e obediente.

Leng Leng era brincalhona, pouco obediente e aparentemente menos inteligente, mas "transbordava" vivacidade e tinha o "básico" para um cão.

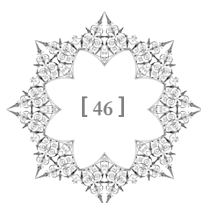
Onde morávamos, numa cidade inserida numa região tropical, apesar dos jardins e muitas árvores, fazia muito calor, especialmente no meio do dia, quando o sol estava a pino, num céu azul, muitas vezes sem qualquer nuvem.

Num destes dias muito quentes, Leng Leng estava correndo pelo jardim detrás da casa, tentando apanhar libélulas.

E por ser atraída por qualquer outro animal e nunca desistir por conta própria, estava naquela atividade já há um bom tempo - pulando, salivando e arfando bastante. E eu de tantos em tantos minutos, gritava: "Leng Leng vá beber água!" E nada da Leng Leng obedecer. Apesar de entender sentenças básicas, naquele dia, ela parecia até que não mais ouvia.

Então, de repente, Kei Kei pareceu ter perdido a paciência. Ela correu atrás da Leng Leng e como um cão pastor, foi literalmente empurrando e forçando a Leng Leng a seguir o caminho que a levaria até chegar à vasilha d'água.

E conseguiu. Missão cumprida!





APRESENTAMOS O CONTO

LENG LENG E O BICHINHO DE PELÚCIA

POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).



Leng Leng e Kei Kei eram duas cadelas Boxers irmãs da mesma ninhada. Nós as adquirimos quando tinham 3 meses de idade para serem guardas da nossa casa.

Nos primeiros anos, moramos em uma casa com amplos jardins e as duas cadelas tinham muito espaço para se divertirem. Mas devido a mudança de cidade e outras circunstâncias, incluindo a necessidade de separar as cadelas depois que começaram a brigar violentamente, optamos por morar num apartamento de dois andares. E as cadelas é claro, nos acompanharam — uma em cada andar.

A mudança para um apartamento, tirou-lhes um pouco de liberdade, mas lhes trouxe inúmeros outros "atrativos". No apartamento, cada uma no seu espaço podia andar à vontade por todos os cômodos com exceção dos banheiros e nosso *closet* (por este ser aberto).

A nossa empregada doméstica naquela época, morava conosco e tinha um boneco/bichinho de pelúcia, com umas orelhas compridas, que lembrava um porquinho, o qual colocava em cima da sua cama. Ela dormia no andar de cima, onde a Leng Leng ficava.

Num belo dia, este bichinho de pelúcia sumiu do seu lugar. A empregada procurou por todo lado — até debaixo da cama, pois podia ter caído durante a arrumação diária. Eu ajudei a procurá-lo mas não o achamos. Mas, desconfiando do provável culpado desde o início, fomos atrás da Leng Leng que estava deitada muito quieta na sua casinha, sobre um cobertor que forrava a base. Leng Leng estava assim já havia um bom tempo – mais do que o usual —, com um ar "angelical", cabeça apoiada no "chão", olhos semifechados "quase a dormir".

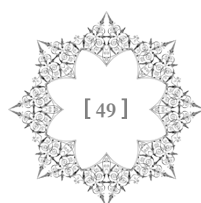
Perguntamos a ela (que entendia alguma coisa, principalmente quando fazia uma travessura) onde estava o boneco que sumira da cama. E ela fingia que não era nada com ela.

Então, ao olharmos com mais atenção para o interior da sua casinha, vimos uma coisa de tamanho, forma e cores diferentes do cobertor e após obrigar a Leng Leng a se levantar, confirmamos a suspeita. Esta "coisa" era a orelha do boneco que estava debaixo da Leng Leng e que não ficou devidamente "escondido" – era a prova do delito.

A Kei Kei nunca tirou nada que não fosse dela mas a Leng Leng era um "perigo".

Desde então compramos vários brinquedos para as duas.

Afinal, Leng Leng mostrou-nos que os animais também precisam de brinquedos e companhias para serem mais felizes.





APRESENTAMOS O CONTO

OS SENIORES DA ANIMA

POR SELMA LUANNY

BRASILEIRA E MÉDICA ANÁTOMO-PATOLOGISTA, SELMA LUANNY SÃO PRENOMES E UM DOS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA. PUBLICOU TRÊS LIVROS DE POESIA DE SUA AUTORIA (POEMAS MATIZADOS, JULIETA SEREI EU E LILASES) E PARTICIPOU EM DUAS ANTOLOGIAS – EM PAPEL. "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "OS CELTAS E EU" NO CONCURSO DE POESIA CÉLTICA 2022; "MENÇÃO HONROSA" COM O POEMA "PELOS POVOS" NO I CONCURSO DE POESIA PAGÃ 2023. TEM PARTICIPADO DE ANTOLOGIAS EM E-BOOKS EDITADOS PELA REVISTA CONEXÃO LITERATURA E EM EDIÇÕES MENSAIS DESTA REVISTA. NO YOUTUBE, CANAL SELMA BATALHA, TEM LANÇADO SUA OBRA, INCLUINDO O LIVRO "TRIBUTO A VOCÊ, MÃE" (COM VERSÃO EM INGLÊS).



ANIMA é a sigla da Associação De Proteção Dos Animais De Macau.

Fundada há pelo menos 16 anos (dado atualizado), ANIMA tem atualmente, abrigo(s) com mais de 400 cães e mais de uma centena de gatos.

Como podem imaginar, ela tem custos altíssimos com a alimentação dos animais e a sua saúde (consultas, cirurgias e medicações), manutenção do abrigo, carros e pagamento do salário das dezenas de funcionários.

Estes custos são suportados por doações públicas e particulares, campanhas e, em menor quantidade, pelas mensalidades dos associados.

No início do funcionamento do abrigo eu ia lá muitas vezes aos finais de semana e/ou feriados, pois trabalhava todos os dias e tinha a minha casa incluindo os meus cães, para cuidar.

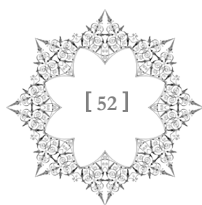
Agora, não costumo mais ir à ANIMA, a não ser para pagar as minhas obrigações como sócia. Além do que, trouxemos para casa e adotamos uma cadelinha que tiramos de lá.

Na verdade, não mais consigo ver tantos animais carentes num só lugar. Eles têm teto e cuidados básicos, mas são animais abandonados que "suplicam" afeto e carinho a quem lá vai e isso dói-me profundamente.

Naquele período em que lá fui, cheguei a conhecer vários cães, incluindo a sua história recente: como Runa, uma pastora alemã adulta que fora socorrida quando era literalmente, "pele e osso" e já não conseguia andar (aliás as suas patas não se desenvolveram como uma garra, sinal de que havia crescido com restrições dos movimentos) e que depois de se recuperar, vivia solta no pátio do abrigo e impunha respeito a todos os outros cães; Neve, uma cadela akita adulta e que puxava pela roupa todas as pessoas que lá chegavam — pelo menos as de quem gostasse e achasse que seriam potenciais candidatos à sua adoção; Romui, uma rottweiler adulta muito imponente e inteligente que fora levada de lá algumas vezes para servir de cão de guarda em algumas empresas, mas era sempre devolvida ao abrigo em piores condições; e tantos outros, dos quais lembro o nome de uns poucos — como a Beauty, a Boxie, o Michael e o Zezé (estes três últimos foram adotados, mas a grande maioria ficou lá esquecida até o dia em que se foi — ou descansou? — deste mundo).

Como uma "contadora" de histórias de cães, trouxe estes casos do pouco que presenciei nas minhas idas ao abrigo da ANIMA para que fiquem registrados como exemplos na trágica história humana de abandono de animais domésticos.

A quem abandona até os do próprio sangue, talvez esta minha estória tardiamente ou nunca, o atinja. Mas deve chegar aos que verdadeiramente amam o próximo — humano ou não.





APRESENTAMOS O CONTO

MINHA AMIGA CHARLOTE

POR SILVANE SILVEIRA FERNANDES

SILVANE SILVEIRA FERNANDES, NASCEU E MORA EM PONTA GROSSA, PARANÁ, ADVOGADA, CURSOU DIREITO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, PARANÁ, PÓS-GRADUADA PELA ESCOLA DA MAGISTRATURA DO PARANÁ – EMAP. TEVE SEU INÍCIO NO MUNDO LITERÁRIO INSPIRADA PELA INFÂNCIA DE SUA FILHA DE 12 ANOS E SEU FILHO DE 5 ANOS. SELECIONADA ESTE ANO PARA AS SEGUINTE OBRAS, CONFORME CONCURSOS E SELEÇÕES LITERÁRIAS: OITAVA EDIÇÃO DA ANTOLOGIA POESIABR, EDITORA VERSIPROSA; PRÊMIO ABSURTOS 2024 – POESIA SALVA; XV SELETIVA NACIONAL DE POESIA PARA OBRA: XV COLETÂNEA SÉCULO XXI – HOMENAGEM AO POETA ANDERSON BRAGA HORTA (90 ANOS) PELA EDITORA POEART; CONTOS DE FLORES E FRUTOS, EDITORA OLYMPIA; ANTOLOGIA IMMAGINARE, EDITORA MHAJULLA. ENCANTADA PELA LITERATURA, ESCRITORA DE POEMAS E CONTOS.



Na fazenda Ribeirão Azul os dias começavam cedo, as quatro da manhã as vacas já estavam esperando para tirar leite e também ganhar uma comida logo no amanhecer, podia ser um pasto bem fresquinho misturado com alguns nutrientes para ficar ainda mais saboroso. A fila era tranquila, no entanto elas se aglomeravam para chegar primeiro na cobertura do barracão que até em dias de chuva era uma boa opção.

Os cuidadores da fazenda e dos animais começavam o trabalho em companhia dos cães da casa, os três cachorrinhos despertavam no alvorecer para irem juntos na ordenha e acabavam por ganhar um pouco de leite, pois sempre era muito abundante a produção na fazenda Ribeirão.

Um dos cachorros da raça dachshund, o famoso Salsicha, era o mais levado, sempre atento e louco para ser amado por seus cuidadores, buscava chamar a atenção e também respeitar seus instintos que lhe diziam para agitar a galera e a coleta de leite. Era vaca pra lá, vaca pra cá e Salsicha estava lá, era ele quem fazia com que as vacas mudassem de lugar, mas tudo dava certo e no fim do manuseio e até antes do sol aparecer já chegava o caminhão do leite para recolher tudo que havia sido coletado, muito limpinho do jeito que saía da vaca o leite seguia seu caminho até muitas casas, escolas, creches e tantos lugares quanto fossem as pessoas a viver.

Na fazenda o dia a dia era calmo, depois que o caminhão pegava o leite as vacas voltavam ao pasto e livre ficavam a escolher o que fazer, e os três cachorros pareciam ter trabalhado, porque já estavam cansados dormindo no amanhecer, mas assim que sentiam o cheirinho do café, o barulho dos ovos frigindo no fogo ou ainda o cheirinho do bolo de milho, corriam para a porta da dona Clara que cuidava de tudo na sua casa. E bem recebidos esperavam o que iriam ganhar naquele café da manhã, não importava o que fosse ficavam satisfeitos e então saíam juntos com o peão trabalhar mais um pouco.

Os cachorrinhos do Ribeirão adoravam uma diversão, poderia ser seguir os cavalos, ver o trem mais abaixo da colina ou ir até algum dos rios e riachos para brincar. As mesmas preferências dos humanos pareciam ser as dos cachorrinhos que espertos depois desse passeio matinal já estavam a esperar o almoço. Subiam até a casa antes mesmo de ficar pronto para poder sentirem os aromas e temperos do preparo que aguçam o paladar.

A tarde chegava rápido, logo após o almoço iam procurar o que fazer, numa aventura só deles agora preferiam viver façanhas caninas, a não ser que algo interessante

viesses a acontecer, como um descarregamento de insumos, a chegada de algum animal novo, um boa compra de supermercado ou o melhor de todos: quando os donos da fazenda chegavam, nessa hora tudo parava e a atenção era somente para os humanos mais amamos por eles, o sentimento era o mesmo vindo dos proprietários do Ribeirão, a família era toda muito carinhosa, atenciosa, cuidadosa e amorosa com todos os bichos da fazenda, todavia o amor pelos cachorrinhos era ainda maior e sempre traziam além da presença que irradiava carinho, também petiscos, quitutes, gostosuras e brinquedinhos, qualquer coisa que pudesse fazê-los ainda mais felizes e que demonstrasse o quanto aqueles animaizinhos eram especiais para eles.

Como a fazenda ficava localizada no interior do Paraná, quando era época de pinhão a diversão era ainda maior, os três cachorros e seus humanos preferidos iam passear nas terras que cercavam o casarão e sempre colhiam pinhão, o Salsinha ia na frente e já mostrava onde estava a pinha caída no chão, para eles era o suficiente, a terra abundante deixava aos pés dos grandes pinheiros muitos frutos frescos e maduros e as sementes logo mais seriam sapecadas no fogo.

Esse ritual campeiro era o ponto alto da vida dos cachorrinhos, mesmo sendo apreciado muito mais pelos humanos, ainda assim a fogueira, o clima quase sempre mais frio por ser outono e inverno e o carinho que seus cuidadores lhe davam enquanto esperavam ficar prontas as sementes sapecadas, faziam a magia que movia todos da fazenda naquele período da estação.

As vacas continuavam suas rotinas, mesmo os donos da fazenda não estando lá, tudo seguia sem parar. Quando se está na fazenda a admiração pela natureza e amizade com os animais acontece naturalmente, mas as vezes alguns animais que não são de estimação também se revelam nessa interação.

Muitas vezes quando os donos chegavam na fazenda Ribeirão Azul uma vaca em especial chamava a atenção, ao ver o veículo ao longe abrindo a porteira, só ela dentre todas se interessava e correndo vinha em direção ao portão do casarão, demorava pouco e os humanos estavam lá, na hora da descida do carro acontecia algo espetacular, a vaca vinha com a intenção de participar, nisso o Salsicha ficava a retrucar, o amado cão não queria que uma vaca viesse disputar sua atenção, queria tudo pra ele, o carinho e o pão, isso mesmo, depois que os humanos viram tanta interação da vaca, passaram a notá-la e como retribuição lhe davam um pão, nisso a disputa começava: o Salsicha queria tudo só

pra ele e espantava com latidos e bramidos a vaca do portão. Os humanos não queriam isso e gostariam que todos vivessem em união, mas para quem conhece um dachshund minado, sabe que para ele o que vale é a persuasão, sempre repetia a mesma atitude tentando espantar a vaca desse momento de chegada que ele queria só pra ele. Mas os humanos gostaram dessa intenção da vaca de ficar amiga, interessada, e passaram a chamar-lhe de Charlotte.

Charlotte era branca e bem grande e provavelmente liderava o grupo de vacas, já que até com humanos tinha boa relação, quando ia receber os donos no portão também queria agrado no seu rosto, gostava de carícias, porém o Salsicha ficava ainda mais bravo quando via que além de pão também ganhava atenção.

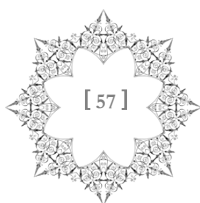
Tudo mudou quando chegou na fazenda, no sol forte do fim da tarde, um caminhão lotado de porcos, logo o Salsicha chamou seus colegas cães e foram espiar, compreenderam o porquê da construção de um novo barracão, um pouco pequeno pela sua visão, comparado com a galpão das vacas, entretanto tinha dado trabalho para o pessoal da fazenda, que levou uma semana para concluí-lo. Desta vez, quem descia do caminhão eram muitos porquinhos barulhentos, que logo foram descansar no pequeno barracão. E assim os cachorrinhos passaram a acompanhar a adaptação dos novos moradores que adoravam comer de tudo.

Passados os primeiros dias, tudo estava conforme a normalidade, os cachorros cuidavam dos porcos e das vacas e nas horas vagas brincavam e se divertiam, e quando chegavam os donos da fazenda, a atenção era somente para eles. Desta vez quando chegaram, como sempre Charlotte veio correndo de encontro e esperou no portão e os cachorrinhos também, entusiasmados e com os olhinhos brilhantes esperavam os afagos e benefícios que seus protetores lhe davam com muito prazer.

Mas nesse dia não houve briga e Salsicha parecia não ligar para a presença de Charlotte nessa chegada tão disputada. Dona Clara contou que depois da chegada dos porcos o invocado Salsinha deixou de cismar com a vaca e passou a se preocupar com os porquinhos, que pareciam até gostar de tanto cuidado, acabavam sentindo proteção contra os predadores, pois, qualquer alteração os cachorros já davam o alerta para o peão da fazenda, que cuidava de tudo com muita dedicação.

Depois de um tempo, todos perceberam que Salsicha havia ficado amigo da Charlotte. Isso foi ótimo, agora quando chegavam os donos da Fazenda Ribeirão não

ocorriam mais brigas entre Charlotte e Salsicha e os animaizinhos mais queridos ficavam juntos, e sem demora a vaquinha amada saía para continuar seus afazeres diários e o Salsicha ficava com os amigos humanos só para ele. E logo vinha a nova temporada de inverno com muito pinhão e diversão para alegrar aqueles corações.





APRESENTAMOS O CONTO

PRECIOSO, O GATINHO AMARELO

POR SILVANE SILVEIRA FERNANDES

SILVANE SILVEIRA FERNANDES, NASCEU E MORA EM PONTA GROSSA, PARANÁ, ADVOGADA, CURSOU DIREITO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, PARANÁ, PÓS-GRADUADA PELA ESCOLA DA MAGISTRATURA DO PARANÁ – EMAP. TEVE SEU INÍCIO NO MUNDO LITERÁRIO INSPIRADA PELA INFÂNCIA DE SUA FILHA DE 12 ANOS E SEU FILHO DE 5 ANOS. SELECIONADA ESTE ANO PARA AS SEGUINTE OBRAS, CONFORME CONCURSOS E SELEÇÕES LITERÁRIAS: OITAVA EDIÇÃO DA ANTOLOGIA POESIABR, EDITORA VERSIPROSA; PRÊMIO ABSURTOS 2024 – POESIA SALVA; XV SELETIVA NACIONAL DE POESIA PARA OBRA: XV COLETÂNEA SÉCULO XXI – HOMENAGEM AO POETA ANDERSON BRAGA HORTA (90 ANOS) PELA EDITORA POEART; CONTOS DE FLORES E FRUTOS, EDITORA OLYMPIA; ANTOLOGIA IMMAGINARE, EDITORA MHAJULLA. ENCANTADA PELA LITERATURA, ESCRITORA DE POEMAS E CONTOS.



Quando Dudu chegou para morar no condomínio com trinta casas, ele tinha dois anos de idade e a primeira visita que recebeu foi do gato amarelo chamado Precioso, desde então a amizade foi se fortificando e uma linda relação surgiu.

Precioso era um gato de rua que teve sua vida mudada por boas pessoas que o resgataram e o levaram para sua casa, a partir daquele dia ele sentia felicidade e aconchego.

Toda vez que Dudu ia ao parque na área de lazer do condomínio entre as árvores para fazer suas atividades, brincadeiras e tomar sol ele encontrava o gatinho e era uma alegria para os dois, desde o começo a amizade já era forte e foi crescendo cada vez mais. Naquela época ainda não existia no condomínio o gato preto, era somente o Precioso dominando a vizinhança.

Nesse condomínio as pessoas gostavam muito de animais, eram muitos cachorros e gatos, porém quase todos os moradores mantinham seus pets em suas casas e periodicamente cada um levava seu animalzinho para passear na área comum, entre as árvores, onde todos gostavam de ficar.

Quando os pets chegavam com seus cuidadores no parque, o gatinho de longe já acompanhava, com seu olhar atento de cor amarela, esperava eles chegarem perto para se proteger em alguma árvore, subia e esperava eles irem embora e por vezes alguns cachorros latiam no pé da árvore para espantar ou acuar o pequeno gatinho. Mas ele sabia que era o único que ficava solto e curtia o parque quando queria.

No dia a dia a amizade entre Precioso e Dudu era celebrada com muitos afagos e carinho cada vez que se encontravam. Dudu ia crescendo com essa boa impressão sobre os felinos, na verdade esse era o único gato que conhecia, ele tinha dois cachorros lindos e amorosos, fiéis como são os bons cachorros, mas gato sempre foi uma curiosidade e ter essa amizade o fazia despertar para sua independência e amadurecimento em suas relações com os animais.

O gato amarelo era respeitado por todos os moradores, mas as vezes sua audácia e liberdade era questionada, ele entrava nas casas com portas e portões abertos sem ser convidado e muitas vezes descansava na frente dos jardins muito bem cuidados e quase todos com um cãozinho de dentro a observar.

O menino ia crescendo junto com o gato, agora com cinco anos tinha o Precioso como seu melhor amigo gato e ia percebendo que nem todo gato era amigável, outros gatos que foi conhecendo saíam correndo, não queriam contato e acabavam por não fazer amizade.

Agora quando Dudu descia no parque para brincar já ia com a intenção de encontrar o gato amarelo e o sentimento do amigo era o mesmo, por vezes Precioso estava esperando para descerem juntos se exercitar e o gato corria na frente para chegar antes.

Precioso era muito bem tratado por seus protetores, morava numa ótima casa e tinha outros pets morando com ele, mas era o único que saía de casa quando queria.

Na frente da casa de Dudu, sobre as árvores grandes, o gato ficava a esperar, do topo dos galhos só saltava quando o amigo vinha para ir a escola, esse era o momento de ganhar um carinho.

Certo dia os moradores notaram que havia chegado na vizinhança um gato preto, que vivia em uma das casas e tinha hábitos noturnos, ficava sobre o telhado e até em cima dos carros, logo Dudu notou o felino mas também percebeu que ele era mais discreto e como outros, corria quando ele chegava perto, dessa relação não nasceu uma amizade somente admiração por sua beleza e comportamento.

Nas noites seguintes ouvia-se miados e ruídos de briga de gatos, Precioso subia a rua para se confrontar com o gato preto, e dali seguiam naquela disputa, até parecia que o gato amarelo queria que a única rua do condomínio fosse só dele.

Dudu conheceu outros gatos que nasceram na casa da sua tia, novamente percebeu que nenhum era tão querido como o gato amarelo e a amizade continuava. Dudu dizia que quando crescesse queria ter em sua casa um gato igual ao amarelo.

Uma noite Dudu ficou assustado quando ouviu uns miados mais agudos, então ficou sabendo que era uma briga de gatos, saiu na janela do segundo andar para observar e notou o seu amigo e um gato preto a se estranhar, acabou torcendo para o gato amarelo, mas não sabia ele que o gatinho amigo era muito levado e territorial, sorte que no outro dia tudo estava normal, parecia que nem briga existiu, pode ser que Precioso fosse bom na luta, pois não apresentava nenhum arranhão e tudo ficava bem.

Depois de algumas investigações Dudu percebeu que de fato os únicos que lutavam por território durante a noite, na rua do condomínio eram os dois gatos, os demais animais ficavam em seus lares a descansar.

A amizade já estava consolidada e Dudu continuava a contar com a presença de seu amigo felino sempre que recebia visitas. Nos domingos quando a vovó, o vovô e os tios chegavam, logo após o almoço o passeio era garantido: descer no parque para brincar e mostrar seu grande amigo aos familiares, e isso sempre acontecia, por sorte muitas vezes o gato vinha de mansinho a se aproximar e ali ficava demonstrando a importância da amizade, o gato não pensava em ir para outro lugar, tinha aquela paciência, para no silêncio acompanhar tudo que o amigo humano fazia e ocasionalmente trocava de colo e se aconchegava em outra pessoa da família, que acabava por ficar feliz com esse contato tão sincero.

Nas tarde durante a semana Dudu ia para a área comum do condomínio para se balançar e brincar de fazer bolos e panquecas na areia e não via o gato preto, porque ele só ficava perto de sua própria casa, mais no meio da rua, ele era visto andando atento entre as casas vizinhas, mas nunca descia no fim da rua onde ficava o parque e assim a soberania de Precioso era mantida, sendo o único a ficar no parque quando queria.

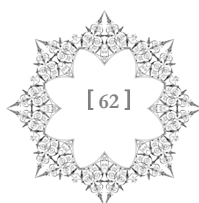
Mas durante a noite a história era diferente, mais uma vez ouviu-se a briga de gatos, desta vez soube-se que um dos gatos caiu do telhado, no outro dia de manhã surgiu até foto, era o gato preto que caiu, mesmo assim sempre estava com boa saúde, com certeza é porque era muito jovem e esperto.

Precioso já estava com quase seis anos e precisou ir ao médico, sua família atenta logo cuidou do felino e não demorou muito e lá estava ele dominando a rua novamente. Com alegria Dudu reviu seu amigo, a falta que ele fazia era sentida pelo pequeno humano, mas tudo ficava bem quando os dois estavam juntos.

A vida ia passando e Precioso acompanhava o crescimento do menino, tinha orgulho de como esse garoto estava ficando esperto e ficava muito feliz de ter conquistado alguém tão especial, agora o gato amarelo sentia que além da rua ele também tinha o amigo humano só para ele, pois ele tinha percebido que o gato preto não tinha uma relação de amizade com Dudu.

Precioso honrava seu nome, seu comportamento e amor era valioso como tudo que é raro, essa amizade certamente ficará para sempre e Dudu vai levar no coração para a vida toda esse carinho e admiração pelos felinos, isto porque teve a oportunidade de conhecer e conviver com um gato tão precioso.

Depois de muito tempo os gatos se acertaram e as brigas diminuíram, a convivência foi ficando pacífica, mas durante o dia cada um ficava no seu lugar, sendo que o lugar do gato amarelo continuava sendo a rua toda.





APRESENTAMOS VERSOS LIVRES



ALENTO

POR SILVANE SILVEIRA FERNANDES

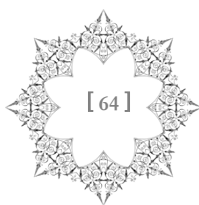
SILVANE SILVEIRA FERNANDES, NASCEU E MORA EM PONTA GROSSA, PARANÁ, ADVOGADA, CURSOU DIREITO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, PARANÁ, PÓS-GRADUADA PELA ESCOLA DA MAGISTRATURA DO PARANÁ – EMAP. TEVE SEU INÍCIO NO MUNDO LITERÁRIO INSPIRADA PELA INFÂNCIA DE SUA FILHA DE 12 ANOS E SEU FILHO DE 5 ANOS. SELECIONADA ESTE ANO PARA AS SEGUINTE OBRAS, CONFORME CONCURSOS E SELEÇÕES LITERÁRIAS: OITAVA EDIÇÃO DA ANTOLOGIA POESIABR, EDITORA VERSIPROSA; PRÊMIO ABSURTOS 2024 – POESIA SALVA; XV SELETIVA NACIONAL DE POESIA PARA OBRA: XV COLETÂNEA SÉCULO XXI – HOMENAGEM AO POETA ANDERSON BRAGA HORTA (90 ANOS) PELA EDITORA POEART; CONTOS DE FLORES E FRUTOS, EDITORA OLYMPIA; ANTOLOGIA IMMAGINARE, EDITORA MHAJULLA. ENCANTADA PELA LITERATURA, ESCRITORA DE POEMAS E CONTOS.



Meu amigo cachorrinho
Toda manhã carinho e atenção
Petisco e pão no café da manhã.

Quando chego quero te ver
Em teu colo, ânimo
Brincadeiras com você.

Todo dia carinhosamente
Emoção e coração,
Um afago e agrado
Para meu pet amigão.





APRESENTAMOS O POEMA

LUTO

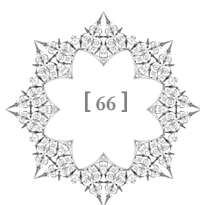
POR VALDIR FILGUEIRAS PESSOA

FILHO DE EDÉSIO PESSOA DE OLIVEIRA (BANCÁRIO) E MARIA DE LOURDES FILGUEIRAS PESSOA (DOMÉSTICA), VALDIR FILGUEIRAS PESSOA NASCEU EM RECIFE-PE, EM 1 DE NOVEMBRO DE 1948. GRADUOU-SE EM MEDICINA PELA UFPE EM 1973 E EXERCEU A DOCÊNCIA E PESQUISA EM NEUROFISIOLOGIA NA UFPE E UNB. APOSENTOU-SE EM 2011. TEVE A HONRA DE FAZER PARTE DE ALGUMAS ANTOLOGIAS PUBLICADAS PELAS EDITORAS TREVO E VIVARA.



Recebi a notícia da morte de Radar.
Engoli o café da manhã
como se nada tivesse acontecido.
Parti para o batente
como se nada tivesse acontecido.
Saí do trabalho mais cedo,
porque hoje é sexta-feira,
mas não porque se foi o amigo.
Como se nada tivesse acontecido,
conversei longamente,
mas não sobre Radar,
pois nada houvera acontecido.

Já, nos lençóis,
o sono é uma imensa perda
que mexe no peito como um rabo de um cão.
E, como se nada tivesse acontecido,
a ausência tocou-me
com seu focinho frio.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**